



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

O DIREITO DE SER DIFERENTE: CRIANÇAS PORTADORAS DE NECESSIDADES ESPECIAIS

Hortência Braz Chalegre¹

Ângela Maria de Lima²

Izeni Teixeira Pimentel³

Carla Waleska Gomes de Araujo⁴

Adriana Cavalcante da Silva Lessa⁵

Betijane Soares de Barros⁶

RESUMO

O presente artigo aborda a educação inclusiva de pessoas portadoras de necessidades especiais, estas têm sido discriminadas socialmente e familiarmente e até dentro das próprias escolas por suas limitações e condições físicas, tal ato reforça a necessidades de um estudo e análise sobre a postura dos demais em relação às pessoas com deficiências, tendo em vista que muitas vezes essas são discriminadas porque os que o rodeiam desconhecem como agir, ou a capacidade que esses possuem para se desenvolver socialmente. Com os devidos esclarecimentos sobre o assunto busca-se despertar as pessoas para a necessidade da colaboração de todos na inclusão desses na sociedade, teoria reforçada através da leitura de livros, artigos e revistas para desenvolvimento deste. Pode-se assim perceber que apesar da educação inclusiva ainda ser muito falha, ela pode sim acontecer de forma proveitosa em que pessoas portadoras de necessidades especiais conseguem se desenvolver produtivamente no meio que o cerca, para tanto a escola tem que parar de excluir e incluir esses de forma correta.

PALAVRA CHAVE: Escola. Sociedade. Inclusão.

¹ E-mail: hortenciachalegre@hotmail.com

² E-mail: anginha.liima@gmail.com

³ E-mail: izenitpimentel@hotmail.com

⁴ E-mail: carlawaleska@hotmail.com

⁵ adrianacavalcante32@hotmail.com

⁶ E-mail: bj-sb@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Em pleno século XXI, ainda é gritante a falta de preparo não só das escolas, mas também da sociedade e até das famílias para lidar com as crianças portadoras de necessidades especiais essas em sua maioria são condenadas a viver uma vida de exclusão, pois muitas vezes suas famílias na tentativa de proteger seus filhos, acabam por isolá-los do mundo quando na verdade é direito dela ser tratada com igualdade e respeito, seja na rua, na escola ou em qualquer lugar que esteja. Sua capacidade de aprendizado e superação não pode ser negada ou desprezada, tal criança deve ser incluída na escola para que pessoas especializadas possam ajuda-la a se desenvolver melhor e além do mais, lá ela poderá conviver com pessoas que também sofrem pela mesma falta de compreensão, informação e entendimento sobre sua condição de criança com necessidades especiais e também com pessoas que não possuem essas necessidades e assim poderão aprender e também ensinar que ser diferente é algo extremamente normal já que nenhum ser humano é igual ao outro.

Todos têm características físicas éticas, morais e sociais que em alguns detalhes ou momentos são diferentes dos demais seres humanos. E assim são as

pessoas com deficiências, elas são apenas diferentes das demais, porém também apresentando defeitos e qualidades, fracassos e vitórias, limitações e superações como qualquer outro ser humano, essa convivência com as diferenças pode favorecer todos os que formam o ambiente escolar facilitando com isso a compreensão da realidade à sua volta e habilitando a todos a conviverem e intervirem de maneira melhor em meio às diferenças, reconhecendo que os seres em sociedade se completam em suas diferenças, onde todos tem sua importância.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão de literatura tradicional, não sistemática, descritiva, de natureza qualitativa e bibliográfica, já que a análise se realizou em diversas fontes de pesquisas como conteúdo de livros, artigos científicos, sites e bibliográficas virtuais.

2. O OLHAR DA FAMÍLIA PARA TAL REALIDADE

Mais desesperador que ver o preconceito, a discriminação sofrida por pessoas especiais em meio à sociedade é ver o despreparo de algumas famílias para lidar com essas crianças e isso pode causar sérios danos ao seu desenvolvimento social, intelectual e

psicológico, pois a família é a maior instituição educativa, além de ensinar-lhes a se cuidar e proteger ensina também a afetividade, o respeito e o amor para com os outros, ou pelo menos deveria ser assim, no entanto sabemos que muitas são as famílias desestruturadas, que geram em suas crianças sentimentos de revolta, recusa e outros traumas.

Quando nasce uma criança especial “o imaginário, toma conta das atitudes dos pais ou responsáveis e a dinâmica familiar fica fragilizada. Imediatamente instalam-se a insegurança, o complexo de culpa, o medo do futuro, a rejeição e a revolta, uma vez que esses pais percebem que, a partir da deficiência instalada, terão um longo e tortuoso caminho de combate à discriminação e ao isolamento” (MACIEL, 2000). Tal situação mexe muito com a estrutura da família e não é nada fácil para ninguém, mas uma boa dose de bom senso, amor e boa vontade tornam as coisas bem mais fáceis. Encarar tal situação como um desafio diferente que poderá trazer benefícios e experiências a todos os envolvidos pode os fazer ver essa situação de modo bem mais positivo do que costuma ser visto, favorecendo uma relação bem mais sadia e feliz.

“A esses familiares pede-se que aceitem uma realidade que não desejam e que não é prevista, uma realidade em que os meios sociais e a mídia pouco abordam e, quando o fazem, é de maneira superficial, às vezes preconceituosa e sem apresentar os caminhos para a inclusão social” (MACIEL, 2000).

Quando se trata de crianças com necessidades especiais, de um lado temos famílias que mesmo com dificuldades, amam imensamente suas crianças a ponto de mudar suas rotinas por completo em função de tal criança e se erram é por falta de conhecimento e sabedoria em saber lidar com tal realidade e até mesmo pela vontade imensa de proteger suas crianças de tudo o que possa lhe atingir ou fazer mal, mas de outro lado temos também famílias ou membros da família que encaram o fato de ter uma criança especial em casa como um peso, um castigo e não conseguem enxergar a beleza, a grandeza e a oportunidade de crescer e aprender junto com a mesma.

“O nascimento de um bebê com deficiência ou o aparecimento de qualquer necessidade especial em algum membro da família altera consideravelmente a rotina no lar. Os pais logo se perguntam: por quê? De quem é a culpa? Como agirei daqui para frente?

Como será o futuro de meu filho?” (MACIEL, 2000).

Essa atitude é comum e passiva de compreensão já que ninguém está preparado para ela e o impacto é muito forte, mas passado o choque é obrigação dessas colocar os pés no chão e aprender a conviver com a nova situação e perceber o quanto pode ser proveitosa essa convivência. Isso não significa que as pessoas devam ficar a desejar ser premiadas com uma criança assim, pois o bom é que todas nasçam perfeitas, em pleno gozo de suas habilidades físicas e mentais, exalando saúde, mas quando ocorre tal fato que as pessoas estejam preparadas para amar, respeitar e cuidar de modo que a mesma possa se desenvolver em meio à sociedade gerando aprendizado também aos que a cercam.

“A falta de conhecimento da sociedade, em geral, faz com que a deficiência seja considerada uma doença crônica, um peso ou um problema. O estigma da deficiência é grave, transformando as pessoas cegas, surdas e com deficiências mentais ou físicas em seres incapazes, indefesos, sem direitos, sempre deixados para o segundo lugar na ordem das coisas. É necessário muito esforço para superar este estigma” (MACIEL, 2000).

A falta de informação ainda é um dos principais vilões no processo de inclusão, pois em geral as pessoas têm uma visão completamente errada a respeito das pessoas com deficiências e mais uma vez reforça-se a importância desses frequentarem lugares comuns, classes de aula comuns para que barreiras sejam transpostas e chegue o dia que todos sejam tratados com igualdade, pois só no contato diário e direto é que os mitos a respeito desses podem ser desfeitos. Tal mudança de postura é um processo complicado, mas bem possível de ocorrer o que dificulta é justamente o isolamento em que a pessoa com deficiência geralmente vive. “A mudança é uma ação complicada porque, tendo como objetivo melhorar a vida das pessoas pode estar a pôr em conflito as suas crenças, estilo de vida e comportamentos” (ISABEL SANCHES, 2005).

O bom do ser humano é que ele está sempre apto a mudar, basta que a ele seja dado ou feito os argumentos corretos, a verdade em que se acredita hoje pode mudar completamente amanhã, porém o processo de mudança seja ela qual for nem sempre é fácil, pois para que ela ocorra existe também a análise e o conflito de informações, os quais acontecem mediante o surgimento e aquisição de novas informações que

possibilitem ao indivíduo ver a realidade a sua volta de vários ângulos.

“É fato que a família contribui tanto para a produção dos comportamentos-problema de um membro, quanto para a solução desses comportamentos; problema. E para transformar a família na solução, muitas vezes é preciso uma ajuda externa”. (VOLKER).

Encontrar o apoio correto para essas famílias e criança não é algo muito fácil não, pois as dificuldades em encontrar pessoas especializadas munidas das informações necessárias para fornecer a ajuda tão importante a esses ainda é muito raro e com isso é que nem a própria família possui as informações necessárias sobre a real capacidade de desenvolvimento dessas crianças e segundo Maciel 2000, “Os médicos raramente esclarecem ou informam, aos familiares de portadores de deficiência, as possibilidades de desenvolvimento, as formas de superação das dificuldades, os locais de orientação familiar, os recursos de estimulação precoce, os centros de educação e de terapia”.

Sendo assim as famílias em sua maioria se sentem perdidas e sem saber que rumo seguir. Desde o nascimento essa devia receber também uma atenção

especial que lhe fornecesse uma boa base para a criação de seu filho e as atitudes a serem adotadas, pois segundo Maciel 2000, “Os pais ou responsáveis por portadores de deficiência, por sua vez, também se tornam pessoas com necessidades especiais: eles precisam de orientação e principalmente do acesso a grupos de apoio. Na verdade, são eles que intermediarão a integração ou inclusão de seus filhos junto à comunidade”.

A questão da inclusão e da realidade a ser enfrentada por famílias com crianças com deficiências deveriam ser passadas a esses desde o nascimento da criança, pois assim seus responsáveis poderiam agir de maneira mais consciente, esses deveriam receber apoio e acompanhamento de pessoal especializado, no entanto o que acontece é a total falta de informações, fazendo as famílias se guiarem por seus próprios conceitos para a criação dessa criança e muitas vezes errarem por ignorar a forma correta de agir.

3. O PAPEL DA ESCOLA EM RELAÇÃO À FORMAÇÃO SOCIAL E INTELLECTUAL DOS ALUNOS COM NECESSIDADES ESPECIAIS

As pessoas portadoras de necessidades especiais são assim denominadas porque apresentam

impedimentos físicos ou mentais de desenvolver-se intelectualmente ou realizar ações e trabalhos com a mesma efetividade, agilidade e rapidez que as demais. No entanto isso não quer dizer que esse seja incapaz de se desenvolver e realizar tarefas e ações como os demais, pois ele apenas apresenta um tempo diferente de aprendizado e realizações que requerem um maior cuidado e orientação bem como compreensão e paciência, mas para que a educação desses seja realmente eficaz essa e seus métodos deve ser revista, pois apesar de há muito tempo já ser trabalhado com educação inclusiva, essa apresenta muitas falhas e se torna até negligente. “A educação inclusiva não se fará se não forem introduzidos na sala de aula instrumentos diferentes dos que têm vindo a ser utilizados” (SANCHES, 2005).

É papel da escola preparar esses cidadãos para o mundo que o espera lá fora pois a inclusão não deve servir apenas para o ambiente escolar e sim para o convívio diário, para a vida em sociedade. Essa tarefa torna-se difícil de ser executada com total eficácia e agilidade, quando encontra em tais instituições aqueles que a integram, despreparados para lidar com essa

realidade e na maioria das vezes a grande vilã é a falta de informações.

“É importante que os professores tomem ciência do diagnóstico e do prognóstico do aluno com necessidades educativas especiais, entrevistem pais ou responsáveis para conhecer todo o histórico de vida desse aluno, a fim de traçar estratégias conjuntas de estimulação família-escola, peçam orientações e procurem profissionais como psicólogos, fisioterapeutas, fonoaudiólogos que estejam atendendo ou que já atenderam esses alunos, solicitando relatórios e avaliações, e pesquisem várias técnicas, métodos e estratégias de ensino, em que variáveis como o desenvolvimento da linguagem, o desenvolvimento físico e, sobretudo as experiências sociais estejam presentes”. (MACIEL, 2000)

Apesar da cooperação acima citada ser muito importante, exige do professor um contato com outros profissionais que nem sempre é possível, devido a uma série de contratempos e dificuldades, entre elas podem ser citadas a falta de tempo do professor que dificilmente possui apenas uma jornada de trabalho bem como a falta desse pessoal especializado no sistema público para atender esse aluno o qual muitas

vezes passa a vida inteira sem ter o menor contato com tais profissionais.

Segundo MESSNER “o homem é um ser social, isto é um ser que só no seio da sociedade encontra o seu pleno desenvolvimento”. Apesar da criança com necessidades especiais precisar de uma atenção individual especial essa deve ser posta também em uma sala de aula comum com crianças que vivem uma realidade diferente da dele para que dessa forma estes possam conviver e interagir entre si, para que assim haja realmente uma inclusão e que desde cedo nossas crianças aprendam a conviver e respeitar as diferenças, mesmo por que todas elas vivem em sociedade e essa é composta por diferenças. “A inserção da criança deve ser feita na escola comum, e mais preferencialmente na classe comum, mas admitindo a necessidade de manter o contínuo de serviços com diferentes níveis de integração” (SANCHES, 2005).

É discriminatório acreditar que por suas limitações, tais crianças devem ser isoladas em uma sala apenas para eles, estes deve sim ter um acompanhamento individual e especializado, mas a ele não pode ser negado o direito de convívio social e para se viver em uma sociedade é necessário compreender, respeitar, superar dificuldades e aprender com as

diferenças. No entanto mesmo em sala de aula comum tem que ser levado em consideração as dificuldades e avanços desse aluno, evitando fazer a ele cobranças excessivas, pois isso ao invés de ajuda-lo, pode criar barreiras difíceis de transpor, porém isso não acontece apenas com as crianças portadoras de necessidades especiais, é comum ver alunos travando em determinadas disciplinas quando a ele são feitas cobranças que o mesmo não se sente apto a cumprir e que muitas vezes o faz sentir-se inútil, impossibilitado de aprender e isso leva tanto a repetência como à desistência escolar. Sabemos, no entanto que cada pessoa é um ser único de características e qualidades intrasferíveis e como tal, suas dificuldades e deficiências também diferem independente da cor, raça, classe social, condição física e etc. Se para alunos com dificuldades em Português, Matemática ou qualquer outra disciplina que seja, existe o reforço que o pode auxiliar em seu aprendizado, porque não podem ser colocadas pessoas especializadas para ajudar os alunos com limitações físicas ou mentais a se desenvolverem em meio a uma classe comum. Tal tarefa não é fácil, nem tão pouco de resultado em curto prazo, porém é necessário para que a formação social e intelectual desse indivíduo ocorra e assim a escola cumpra

o seu real papel, prepara para a vida em sociedade.

“Não é inovadora esta preocupação de diferenciar as aprendizagens consoantes os públicos visados. Ontem e hoje a nível do sistema, da escola ou da turma, houve a preocupação de diferenciar, mas sempre excluindo, sempre construindo uma resposta paralela do sistema “normal”. À luz da nova gramática social e política é uma diferenciação discriminadora e injusta” (SANCHES, 2005).

Quando se fala em educação inclusiva vem à cabeça uma modalidade de ensino que envolva a todos e que consiga atender públicos diferentes e alcançar sucesso, mas apesar de há muito tempo ser discutida, esse tipo de educação tem sido muito falho, pois ao invés de incluir exclui. Quando em uma escola se pega os alunos com mais facilidade de aprendizado e coloca em uma sala e os com menos facilidade em outra, com a desculpa que assim o rendimento deles aumentará e a eles poderá ser dado um olhar diferenciado, está ali acontecendo um tipo de exclusão, bem como quando se impede a criança com necessidades especiais de frequentar salas comuns também, pois esses independente de qualquer coisa, vivem em sociedade e essa se faz em

meio às diferenças e todos tem que aprender a lidar e respeitar todas elas.

“A mudança geradora de uma educação inclusiva é um dos grandes desafios da educação de hoje porque imputa à escola a responsabilidade de deixar de excluir para incluir e de educar a diversidade dos seus públicos, numa perspectiva de sucesso de todos e de cada um, independentemente da sua cor, raça, cultura, religião, deficiência mental, psicológica ou física” (SANCHES, 2005).

Sabemos, porém que alguns tipos de deficiência, impedem totalmente a criança de frequentar a escola, porém essas são uma minoria. Para aquelas que têm a condição física e mental de ser inseridas em tal ambiente, não existe justificativa palpável para ainda estarem fora dela.

Uma grande dificuldade da escola para a formação e o trabalho com essas crianças é a falta de pessoal especializado que possam realmente agir de maneira correta auxiliando verdadeiramente no desenvolvimento das mesmas, pois a esta instituição é dada a grande responsabilidade de preparar os pequenos cidadãos para as dificuldades e lutas da vida de maneira que eles se tornem capazes de analisar, entender, argumentar e intervir no meio em que vivem.

Quando falamos em pessoas especiais, muitas vezes achamos que é impossível que estas consigam desenvolver todas as ações acima citados, porém não são raros os casos de superação que encontramos, nos demonstrando que a força de vontade e a dedicação a algo que se pretende alcançar, pode ser muito maior que qualquer dificuldade. Não se pode subestimar a capacidade de aprendizado de um ser humano, pois ela pode ir além do que imaginamos e nos surpreender e não é papel da escola subestimar e sim incentivar o desenvolvimento do indivíduo independente das diferenças que apresentam, sejam elas quais forem.

Nenhuma escola pode negar ao aluno o direito de se matricular em uma sala comum, seja ele branco, preto, gordo, magro, especial e etc, pois a educação é para todos sendo assim tal recusa transforma-se em um delito contra as leis estabelecidas pelo ministério da educação.

4. RELAÇÃO ALUNO-ALUNO

A escola é para os alunos ou para as crianças como uma segunda casa, sendo ela para alguns um lugar acolhedor, de amizades e companheirismo e para outros, uma prisão onde lhes obrigam a morar por

boa parte do seu dia. Essa situação pode se repetir na vida das crianças especiais que podem se sentir a vontade e bem acolhidos o que fará imensamente bem ou se sentir excluídos e discriminados o que pode lhes gerar revolta.

É comum nas escolas a ocorrência de rivalidades e desavenças entre alunos, grupos de alunos ou até alunos e professores e em turmas com alunos especiais isso não é diferente, porém muitas vezes a questão do preconceito aflora nesses momentos de discórdia e se o professor não for sábio e preparado, pode agravar a situação. É essencial que na escola todos os alunos aprendam além dos conteúdos da proposta curricular, conceitos éticos e morais que recriminem e reduzam atos antissociais e leve-os a adotar uma postura de respeito e valorização das diferenças e quando crianças com deficiência são separadas das outras em uma sala a parte, o sistema esta dizendo justamente que tais crianças por algum motivo não devem se misturar com as demais.

“A introdução de transformações numa determinada situação educativa com o propósito de dar solução a problemas identificados só pode ser feita pelos próprios professores, em parcerias com seus colegas, com seus alunos e

respectivas famílias, nos contextos em que as problemáticas se desencadeiam” (SANCHES, 2005).

A cooperação de todos nesse processo de inclusão e respeito é muito importante, pois o professor sozinho torna-se fraco na busca de atingir certos objetivos, mas se a ele for somado à cooperação de colegas e alunos o resultado com certeza será bem mais satisfatório. Porém muitas vezes os alunos são dotados de preconceitos já adquiridos em casa ou em meio à sociedade que só dificulta a ação do professor. Como seria bom se a criança desde seu nascimento recebesse bons exemplos de convivência, ética, respeito e moral, mas o que muitas vezes acontece é que essa se desenvolve, cresce em meio a uma sociedade preconceituosa e acaba adquirindo tal postura para si. “Todo ser social depende dos homens que o integram” (MESSNER).

A criança que cresce em meio a homens de caráter falho e atitudes preconceituosas em sua maioria chega à escola refletindo a sociedade a qual pertence e aí fica sob a responsabilidade da escola fazê-lo refletir e mudar sua postura, pois a criança não nasce preconceituosa tal atitude é fruto do

meio em que vive, pois essa absorve muito as características dos que a rodeiam.

“Educação é necessária para que o Ser Homem seja constituído. O Homem não se define como tal no próprio ato de seu nascimento, pois nasce apenas como criatura biológica que carece se transformar, se recriar como Ser Humano. Esse ser deverá incorporar uma natureza em tudo distinta das outras criaturas. Ao nascer não se encontra equipado nem preparado para orientar-se no processo de sua própria existência” (RODRIGUES, 2001).

A escola deve ter o cuidado de mediar a relação aluno-aluno para que as discriminações sejam extintas, para que possam ver no outro mais que as características físicas e mostrar-lhes que cada um ser vivo tem uma importância muito grande e que nas diferenças eles se completam. “Podemos dizer que, se por um lado a escola reproduz os valores hegemônicos da sociedade, por outro, pelos impasses enfrentados em sala de aula, ela também participa da transformação desses valores, pois é um lugar fundamental na produção de sujeitos, sejam professores ou alunos” (Maria Regina dos Santos Prata). É essa produção de sujeitos através da relação estabelecida entre pessoas dentro da

escola que deve ser a todo custo preservada e aproveitada para estabelecer conceitos que levem ao respeito às diferenças,

A interação aluno-aluno traz à tona as diferenças interpessoais, as realidades e experiências distintas que os mesmos trazem do ambiente familiar, a forma como eles lidam com o diferente, os preconceitos e a falta de paciência em aceitar o outro como ele é. Todos os alunos das classes regulares devem receber orientações sobre a questão da deficiência e as formas de convivência que respeitem as diferenças, o que não é tarefa fácil, mas possível de ser realizada. Levar os alunos de classes regulares a aceitarem e respeitarem os portadores de deficiência é um ato de cidadania. (MACIEL, 2000)

Lidar com vidas não é fácil ainda mais quando sob sua responsabilidade esta a tarefa de educá-lo e estabelecer valores éticos e morais, ensinando a amar, valorizar e respeitar o próximo. Desde cedo atitudes preconceituosas devem ser coibidas, as crianças devem aprender nas escolas mais que os conteúdos para progredir nos estudos e serem promovidas de série, essas devem aprender principalmente a conviver e respeitar as diferenças valorizando o ser humano como um todo independente de

sua cor, raça, crença, deficiências e etc. Essa conduta deveria ser aprendida em casa com suas respectivas famílias porém, muitas vezes ao invés de ensinar a respeitar induzem a atitudes de discriminações e preconceitos que extrapolam todos os limites.

5. INTEGRAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

O relacionamento professor e aluno muitas vezes já são complicados e a situação do educador quase sempre é uma vida extremamente corrida e de repente a ele é incubida a tarefa de educar e preparar para a vida social um jovem com deficiências com o qual ele não sabe nem se comunicar, pois a formação que lhe foi dada não o preparou para o recebimento dessa criança. Nessa hora torna-se necessária a busca por conhecimentos que permitam ao professor receber o discente portador de necessidades especiais e favorecer seu desenvolvimento social e intelectual.

Para que haja a verdadeira integração professor-aluno, é necessário que o professor da sala regular e os especialistas de educação das escolas tenham conhecimento sobre o que é deficiência, quais são seus principais tipos, causas, características e as necessidades educativas de cada deficiência. O professor

precisa, antes de tudo, ter ampla visão desta área, que deve ser proveniente de sua formação acadêmica. Hoje, poucas escolas e universidades, que formam professores, abordam adequadamente a questão da deficiência em seus currículos. Urge mudar essa realidade. A atualização periódica também é indispensável, devendo ocorrer por meio de cursos, seminários e formação em serviço. (MACIEL, 2000)

Há a necessidade urgente de uma especialização, um aperfeiçoamento que venha a preparar o professor da classe comum para lidar com as pessoas com deficiências em meio a os demais e poder intermediar a relação dos alunos especiais com os demais colegas, pois adaptar-se e aprender com o novo é algo essencial. Segundo Rodrigues 2001, “Para viver esse mundo cada um deve ser preparado para se relacionar com o existente, adaptar-se ou a ele se adequar na qualidade de herdeiro dos produtos das gerações que o precederam. Como esse ser é dotado de vontade infinita, mas de possibilidade finita, há de disciplinar essa vontade para que ela possa ser ajustada à realidade em que se está colocado”. O homem tem que esta sempre apto as mudanças e perceber nelas uma oportunidade de evolução que de alguma forma lhe será útil.

Apesar de ser difícil educar uma criança com deficiências é uma chance grande de aprendizado já que ao ensinar o professor também aprende. Segundo ROSA, 2010 “No relacionamento professor-aluno, sempre há trocas de experiências e de conhecimentos, no qual o professor estando no lugar de quem deve ensinar, de transmitir conhecimentos, também aprende com a realidade de cada aluno; e o aluno no lugar de quem recebe ensinamentos, também ensina e aprende, mesmo sem intencionalidade”. É essa experiência de troca de informações que é encantadora, pois quem ensina também aprende e quem aprende também ensina, além do mais é interessante ver como nessa relação um marca a vida do outro, podendo gerar relações de amor, cuidado, carinho e etc., desde que as experiências em sala de aula sejam saudáveis ou do contrario as marcas que ficarão podem ser traumáticas para um ou para ambos os lados.

CONCLUSÃO

Conclui-se que o individuo com deficiências, independente delas quais sejam, é um cidadão que tem o direito de se desenvolver socialmente e intelectualmente, para assim poder exercer sua plena cidadania, no entanto a esse muitas vezes ainda tem sido negado

o direito de acesso e permanência na escola e quando esse acesso é lhe dado, esse é direcionado a uma sala especial, onde seu contato com as crianças tidas como comuns é limitado, sendo essa mais uma forma de discriminação e exclusão. Além disso, dentro do ambiente escolar esse aluno pode sofrer por diversos tipos de preconceitos que pode vir de qualquer um que forma a escola desde o aluno até a própria direção e causas desse podem ser variados esse pode ocorrer por falha de caráter ou por falta de informações que o aproximem um do outro, sendo a falta de informação a maior vilã, essas crianças são vistas na maioria das vezes como pessoas que vão passar a vida dependendo dos outros ou de benefícios do governo, pois muitos acham que elas não tem condições de se desenvolver o suficiente para integrar-se socialmente e no mercado de trabalho , mas muitos tem sido os casos de superação provando o contrário , que elas podem sim se desenvolver e ocupar cargos importantes . Nesse processo de superação e aprendizado é muito importante que este tenha na família e na sociedade um apoio que o impulse a ir além de suas limitações e que se supere a cada dia e na escola a esse não pode ser anegado o direito de esta em sala comum, interagir, conviver e aprender com os demais,

porém seu professor deve estar munido de instrumentos e facetas educativas que o levem a aprender e assim a educação inclusiva se fará assegurando o direito de todos á educação e ao desenvolvimento.

REFERENCIAS

MACIEL, Maria Regina Cazzaniga. **Portadores de Deficiência: a questão da inclusão social.** São Paulo Perspec.vol.14. São Paulo. Jun 2000.

MESSNER, Johannes. **A natureza do Homem.** Quadrante, São Paulo. P.9-20.

PRATA, Maria Regina dos Santos. **A produção da subjetividade e as relações de poder na escola: uma reflexão sobre a sociedade disciplinar na configuração social da atualidade.** Revista Brasileira de Educação. Jan /fev/mar /abr.Nº 28. 2005. Poços de Caldas/ MG.

RODRIGUES, Neidson. **Educação: Da Formação Humana à Construção do Sujeito Ético.** Educação e Sociedade. Campinas, 2001.

ROSA, Maria José Araujo. **Violência no Ambiente Escolar: Refletindo Sobre as Consequências para o Processo Ensino Aprendizagem.** GEPIADDE, Volume8 Itabaiana |jul-dezde2010.

SANCHES, Isabel. **Compreender, Agir, Mudar, Incluir. Da investigação-acção à educação inclusiva.** Revista Lusófona de Educação, 2005, 5, 127-142

VOLKER, Cristina. **A Evolução do Papel da Mulher na Sociedade e Suas Consequências.** Jornal Centro Sul. Ed.670, maio 2013.